

13.2.53 - "C.M."
Manchete nº 214
Radio, junho 64
FLU, março 78

Quarta-Feira, 6 de Maio de 1959

RUBEM BRAGA

BOCHORNO

OLHO o céu, olho a areia: manhã de bochorno. Duas mocinhas stem de casa fazendo caretas para essa luz mormocenta e desagradável.

Calor. Vou, com um certo remorso, passar alguns dias fora. Pretendo, mesmo, trabalhar quieto esse fim de semana; mas se houver uma beira de rio, com seus mosquitinhos de tarde, um bambual para cortar erva e um pedaço de chumbo para empatar um anzol, tenho esperança de produzir uma piaba, para falar com as pessoas que já moraram nos Estados Unidos. Que se introduzem umas às outras, parqueiam seus carros, checam informações, realizam o acontecido, simpatizam com a nossa tristeza, fazem apologia dos próprios erros, e nunca vão às compras na cidade porque fazem seu «shopping» em Copacabana.

Com a idade, vou ficando meio impertinente, e só admito os erros tradicionais de minha região («se você quiser eu te dou», «isto é para mim comer», etc.), mas fiquei arrepiado quando aquela senhora nordestina, bela e fina, disse: «eu lhe conheço» — arrepiado, pensando na frieza que me atacaria em um lance de amor, se ela dissesse: — «eu lhe amo». (Ou talvez não atacasse).

E para dia de bochorno, isto já é crônica demais.